

Organizado por:
Márcio Aragão

Contos e Poemas de

SUSPENSE E TERROR



CONTOS E POEMAS DE SUSPENSE E TERROR

Organizador: Márcio Aragão

capa

Márcio Aragão

revisão de texto

Márcio Aragão

diagramação

Márcio Aragão

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Albuquerque, Cristina Northfleet de
Contos e poemas de suspense e terror [livro
eletrônico] / Cristina Northfleet de Albuquerque,
Edmilson Pereira da Silva, Márcio Aragão ;
organização Márcio Aragão. -- Fortaleza, CE :
Criativante, 2024.

PDF

ISBN 978-65-981301-4-5

1. Contos brasileiros 2. Terror - Ficção I. Silva,
Edmilson Pereira da. II. Aragão, Márcio. III. Título.

24-201119

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira B869.3

Todos os direitos reservados aos respectivos autores. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou copiada por quaisquer meios sem a prévia autorização por escrito do(a) respectivo(a)s autor(a)s.

Esta obra foi idealizada para ter distribuição GRATUITA em formato digital (PDF). Venda e/ou distribuição em qualquer outro formato são proibidas.

SUMÁRIO

Sete Vidas - por Cristina Northfleet de Albuquerque.....	7
Joinville e Seus Cemitérios Assombrados - O Super Orbenk - por Edmilson Pereira da Silva.....	15
O Lobo e o Homem - por Márcio Aragão.....	24
A Abelha-Rainha - por Márcio Aragão.....	29
A Bruxa e o Demônio - por Márcio Aragão.....	38

Nota do Organizador

Boas-vindas a você! Antes de tudo, quero dizer que somos muito gratos pelo seu interesse em nosso trabalho! Os autores e autoras presentes nesta antologia foram escolhidos visando o nosso principal objetivo: disponibilizar-lhe textos interessantes e de qualidade para que tenha um excelente entretenimento! Espero que você também vivencie os momentos gratificantes e únicos que este organizador (e também autor) vivenciou ao ler estes textos pela primeira vez. Tenha uma excelente leitura!

Márcio Aragão

Escrever é a maior das liberdades, e a melhor das viagens!

Apresentamos o conto:

SETE VIDAS

por

Cristina Northfleet de Albuquerque

Cristina Northfleet de Albuquerque é professora universitária, iniciando no mundo da escrita, desde criança sempre escreveu contos de terror, mas acabou parando pelas necessidades profissionais. Em 2022 passou a participar de antologias e tem 7 contos já publicados. Atualmente tem dois livros em vias de término, um de terror e outro policial.

Ela nasceu em uma noite escura. Não foi muito bem recebida, pois não era tão bela como esperavam. Sua primeira morte ocorreu quando foi afogada no banho, de propósito ou não, ninguém ficou sabendo. Ela passou uma infância conturbada e sua adolescência também não foi maravilhosa. Teve sonhos, paixões e desesperos como qualquer adolescente, mas tinha grande senso de aventura e criava as histórias mais loucas.

No final do colégio, fez um curso na área da saúde, esta profissão que cobria todas as matérias que gostava. Dedicou-se muito e logo estava realizando estágio em um laboratório. Abria-se a sua frente o maravilhoso mundo da pesquisa científica, mas acabou inalando substâncias químicas que a levaram a um estado de intoxicação grave. Tinha alucinações fortes e entrou em um estado de amnésia, que a levou a sua segunda morte. Saiu do estado de intoxicação para o lado da loucura. Tinha um pouco mais de vinte anos e este evento mexeu com suas bases. Como seria morrer sem aproveitar a vida?

Algo inesperado aconteceu. Ela foi para outro país, e esta mudança teve que ser radical, pois tudo era diferente em todos os aspectos e lá teve a sua terceira morte em um acidente de carro. Voltou ao Brasil e sentiu-se estranha. Aquela cidade que lhe viu crescer parecia que lhe expulsava. Não sentia aconchego e sim certa ira dos lugares que, antes, eram seus refúgios. Mudou para outra cidade, deixou tudo para trás sem receio ou remorso. Novas amizades, novos sonhos, novos projetos, novas descobertas. Ela se

dedicou, ralou, caiu, levantou e seguiu. Sua quarta morte foi em um momento de muito estresse, no qual ela teve um acidente em casa depois de passar horas se dedicando às atividades universitárias.

Ao acordar, no hospital, conseguiu voltar e esta volta foi forte. Enquanto ela morria, o planeta e tudo que está nele continuavam se movendo, crescendo e indo em frente. Ela precisou recomeçar renovada, como uma fênix e estava tranquila, livre, satisfeita e feliz. Sua quinta morte foi inesperada, teve uma queda acidental batendo com a cabeça e sentindo o crânio rachar.

Quando caiu, sentiu tudo em câmera lenta, como se sua queda fosse amortecida por algo maior. Acordou zonza, mas não era o fim e sim um despertar.

Havia uma sensação estranha que a cercava, como se algo ou alguém a observasse de longe em todos os locais e situações. Ela não deu atenção e continuou a seguir suas intuições.

Em uma viagem teve sua sexta morte. O avião em que estava teve uma pane e caiu no mar. Algumas pessoas morreram, mas ela ficou presa na cabine do avião e foi resgatada. Passou alguns dias no hospital e embora tenha tido ferimentos leves, voltou para casa sem muitas sequelas. Lembrou que durante o acidente teve *flashes* de um vulto que a continha na poltrona. Não conseguia ver quem era, mas sentia sua respiração. No hospital viu o mesmo vulto no corredor e sentia seu olhar.

Um dia, cruzando uma avenida da cidade, foi abordada por um homem muito alto, elegante e com o olhar profundo,

hipnotizador. Ele sorriu e sumiu. Era o mesmo vulto do acidente de avião. Ela perguntou-se se não era mais uma vez suas ilusões e seguiu seu caminho sem esquecer-se do vulto.

Um dia saiu com amigos. Foram a uma festa e de repente ela cruza com o mesmo homem. A situação, porém, mudou: o local se transformou em um mar de nuvens, então ela e o homem mágico iniciaram uma dança. Durante a dança ela sentiu uma forte respiração em seu pescoço e logo depois uma dor extremamente forte, mas prazerosa. Era como se um fogo entrasse por suas veias, havendo uma mistura de sangues quentes e viscosos. Ela foi se sentindo sonolenta e desmaiou nos braços dele.

Acordou leve e vitalizada. Olhou para o lado e viu o homem sentado em uma poltrona, observando-a. Ele sorriu e perguntou como ela estava. Ela tentou falar, mas as palavras não saíam de sua boca. Era estranho, mas mesmo sem palavras, parecia que a comunicação era realizada, talvez por telepatia. O homem sorria de forma terna, mas ao mesmo tempo profunda e forte.

Ela dormiu novamente, acordando em seu quarto, como se tivesse voltado normalmente para casa, depois da festa. Então tudo não passou de um sonho?

As imagens da festa, do homem, da dança estavam muito claras e ao mesmo tempo em que se lembrava de tudo sentia um enorme prazer. Seu corpo sentia uma mudança em nível celular, uma transformação profunda e poderosa. Seus sentidos estavam aguçados e exacerbados. Sentia algo imenso circular em seu corpo e

sua mente tinha uma intensidade inigualável de pensamentos. Questionava-se o que era aquilo.

Os dias passaram, sua vida seguiu, mas agora tinha vitalidade e criatividade para ir além. Quanto mais o tempo passava, mais ela se sentia forte, tanto física como mentalmente. Eram incríveis as sensações que experimentava. Um dia começou a sentir o bater dos corações das pessoas a sua volta e a circulação do sangue em suas veias pulsando. Era um ruído prazeroso que mostrava a vida em expansão. Depois começou a ver através dos olhos das pessoas, a perceber seus sentimentos: medo, verdade, mentira, receio, inveja, coragem, covardia, desejo, desprezo, compaixão, união. Começou também a sentir cheiros peculiares nas pessoas, cheiro de medo, cheiro de insegurança, cheiro de ódio, cheiro de preconceito, cheiro de excitação, cheiro de felicidade, cheiro de interesse e a ouvir com mais atenção às falas e sons emitidos pelas pessoas, isto mostrava sobre seus reais estados de alma. Todos estes poderes eram magníficos, mas acabaram se transformando em um tormento, pois nada mais a intrigava ou surpreendia.

E sempre voltava à pergunta original: quem era aquele homem que dançou com ela?

Um dia, em seu quarto, sentiu uma respiração forte ao seu lado e viu um vulto se aproximando. Era ele, o homem da festa, com o olhar profundo e terno. Perguntou se ela estava bem. Ela não conseguia falar nem se mexer. Seus olhares se cruzaram e desta vez ela conseguiu ver no fundo dos olhos dele: eram séculos de

existência, dores, alegrias, descobertas, renascimentos, mortes, desilusões, amores, desamores, vidas se cruzando e se separando em uma velocidade surreal. Sentiu a solidão do fundo daquele olhar.

Quando juntos o universo conspirava e o tempo parava, nada existindo ao redor deles. Dormiram abraçados e em paz, como duas almas irmãs.

No outro dia, ela acordou e se viu só, mas ao lado havia uma rosa vermelha. Ela então sentiu que não era uma ilusão, que ele existia e que poderiam se encontrar outras vezes. Mas quem era ele?

Os meses passavam e nada. Ele não apareceu até o dia em que fazia um ano da fatídica dança. Ele surgiu inesperadamente, mas desta vez trajava uma roupa de festa. Estendeu a mão para ela e, de repente, eles estavam em um salão de festas. Ela trajava um lindo vestido na cor vinho, bordado em prata com um medalhão reluzente no peito. A pedra, de um vermelho vivo, parecia um coração pulsante. Ele portava um medalhão igual ao dela. Ele estendeu seus braços para ela e os dois dançaram. Ao término da música, ele beijou-lhe a mão e ouviu-se o som de passos descendo pela escadaria da mansão. Era um casal mais idoso, extremamente belo e elegante. O senhor se aproximou dela, olhou em seus olhos, e chamou sua mulher, que estendeu a mão para ela, sorrindo. Ela se sentia bem, alegre, acolhida e respeitada. Nunca tinha se sentido assim com seus iguais.

A festa acabou e agora ela foi levada para seus aposentos. Ela sentou e sentiu a respiração forte de seu amado. Olharam-se e ele finalmente disse seu nome.

Hathor Akhen III que vinha de uma linhagem antiga de vampiros originária do Egito. Seus pais, o casal que ela conheceu, vieram para o Brasil na época da escravidão. Misturaram-se aos quilombos, se esconderam em fazendas de café e acabaram conseguindo desaparecer sem serem vistos. O clã dos Akhen conseguiu sobreviver e ajudar muitas pessoas, algumas delas sendo transformadas em vampiros por serem muito importantes ao clã.

Ela perguntou por que estava ali. Ele sorriu e contou que a conhecia desde o dia em que nasceu, viu suas dores, viu como ela resistiu e sobreviveu em todas as suas vidas anteriores. Ele sorriu e ela entendeu que também era uma vampira, que realmente tinha sido transformada. Era assim que as pessoas eram transformadas, desde o início dos séculos. Ninguém pedia ou dizia não a um vampiro.

Olhou no fundo dos olhos de Hathor e viu a paixão por ela. A telepatia entre vampiros era genuína; mentiras e simulações não existiam. Ela agora fazia parte da maior linhagem de vampiros existente, os Akhen, um clã poderoso e enraizado em vários locais do mundo. A lenda dos vampiros se espalhou pelo imaginário popular a partir das histórias clássicas, mas na realidade eles sempre existiram e sempre conviveram com os seres humanos. Eles foram criados por deuses no intuito de vencer a morte. São seres fortes, movidos pelos sentimentos e sensações humanas, mas não são malignos ou das

trevas. São sensíveis, observadores, sedutores. Se alimentam não do sangue, mas dos sentimentos trazidos junto. São imortais, vivem séculos e, se quiserem, podem apenas se recolher, mas não morrer. Não saem mordendo ou tirando sangue de qualquer um. São seletivos e ser escolhido para fazer parte de um clã era uma dádiva de vida eterna, tendo suas vantagens e desvantagens. Enfim ela achou sua identidade e seu amor de alma.

Apresentamos o conto:

**Joinville e seus cemitérios
assombrados - O Super Orbenk**

por

Edmilson Pereira da Silva.

Edmilson Pereira da Silva é carioca e mora há mais de 20 anos em Porto Alegre-RS. Tem alguns livros publicados em diversas plataformas digitais, havendo destaque para “Caçada ao Menino do Rio”.

A noite chuvosa de segunda-feira envolveu o Cemitério Municipal de Joinville como um manto pesado e sombrio, envolvendo tudo em sua escuridão opressiva. Roberto, mais uma vez, encontrava-se sozinho na pequena casa de alvenaria, situada num local, conhecido como “Morro do Cruzeiro”, que servia de abrigo para os materiais e uniformes dos zeladores colaboradores da empresa Orbenk Serviços. A solidão daquela noite de sexta-feira era sua única companhia, até que estranhos barulhos começaram a perturbar o silêncio.

Segurando firmemente uma lanterna, Roberto observou, perplexo, alguns vultos flutuantes ao seu redor. Gritos aterrorizantes emergiram dos túmulos, e uma voz moribunda sussurrava seu nome com uma intimidade assustadora: “Venha Roberto, Roberto flamenguista, venha pra mim”.

O vento forte e gelado anunciava uma tempestade iminente. As árvores balançavam freneticamente sob o poder da natureza enfurecida. Sem alternativa, Roberto correu de volta para a segurança precária da casinha. Ao fechar a porta atrás de si, ouviu batidas insistentes na janela. Sem energia elétrica naquele momento crítico, era mais uma noite preta às escuras.

Roberto segurou firme o crucifixo pendurado em seu peito e orou fervorosamente por proteção divina e das almas de seus pais falecidos. Mas as batidas na janela se intensificaram junto à voz rouca que ameaçava levá-lo ao inferno por ser uma pessoa pura de coração e protetora dos cemitérios municipais de Joinville.

Tomado por uma ira incontrolável diante da provocação infernal, Roberto armou-se com uma enxada e enfrentou a tempestade para confrontar o ser que ousava desafiá-lo. No entanto, a criatura abominável movia-se com velocidade sobrenatural entre os túmulos, distanciando-se cada vez mais dele. Determinado a acabar com aquela loucura de uma vez por todas, Roberto lembrou-se das palavras sábias de Dona Josefa, uma senhora conhecida por seus conhecimentos a respeito de rituais antigos e místicos. Ela, certa vez, havia lhe ensinado sobre como desfazer trabalhos sombrios.

“Você precisa encontrar o coração do cemitério à meia-noite”, ela disse isso com sua voz rouca e cheia de mistério. “Lá você deve traçar um círculo com sal grosso e recitar as palavras sagradas que eu te ensinei.”

Com essa lembrança clara em mente, Roberto correu até o centro do cemitério onde um antigo mausoléu erguia-se solitário. Com dificuldade contra o vento forte e a chuva incessante, ele traçou um círculo imperfeito ao redor do mausoléu, usando sal grosso que sempre carregava consigo para proteção. Assim que começou a recitar as palavras sagradas ensinadas por Dona Maria Josefa, manifestações sobrenaturais tentaram impedir sua missão. Vultos escuros surgiram das sombras, tentando romper o círculo protetor enquanto vozes ameaçadoras ecoavam pelo ar noturno tentando abalar sua determinação.

“Você não vai conseguir!”, gritavam as vozes fantasmagóricas enquanto raios iluminavam suas formas etéreas.

Roberto sentiu o medo percorrer sua espinha, mas continuou firme em sua tarefa. “Eu tenho Deus e Cristo no meu coração!”, ele gritou contra as forças obscuras reunidas contra ele. No ápice da cerimônia ritualística, quando as forças malignas pareciam prestes a superá-lo, a criatura abominável revelou-se diante dele numa forma grotesca que desafiava qualquer descrição terrena.

“Flamenguista... Eu vim te buscar...”, rosnou ela com malícia pura, emanando de seu ser deformado pela maldade acumulada ao longo dos séculos.

Roberto encarou-a sem vacilar; sabia que aquele era o momento decisivo - era agora ou nunca. Com toda fé em seu coração ele concluiu as últimas palavras do ritual, justo quando um raio atingiu o topo do mausoléu, iluminando todo o cenário num clarão ofuscante.

“Aqui terminaremos isso, seu filho da P... Filho da égua!”, declarou ele erguendo seu crucifixo iluminado pela lua cheia, enquanto seus companheiros formavam um cerco luminoso ao redor do mausoléu com tochas abençoadas e cânticos sagrados ecoando pela noite fria, prenunciando vitória sobre as trevas.

Foi então que aconteceu: entre um clarão e outro, Roberto viu uma figura familiar parada à distância – era sua mãe falecida, olhando para ele com um sorriso sereno. “Inacreditável”, sussurrou ele, esfregando os olhos, em descrença.

"Roberto", chamou a figura suavemente, sua voz tão clara como se estivesse ao seu lado. "Não tenha medo." "Mãe? É... é você mesmo?" A incredulidade na voz de Roberto era palpável.

"Sim, meu filho. Vim ajudá-lo nesta noite sombria." Ela estendeu a mão e tocou o crucifixo pendurado no peito dele. Instantaneamente, o objeto começou a brilhar com uma luz dourada intensa. Roberto sentiu uma onda de calor percorrer seu corpo, energizando-o de maneiras que ele nunca havia experimentado antes. "O que está acontecendo?"

"Este crucifixo agora possui poderes concedidos por uma bênção divina. Você foi escolhido para proteger este lugar sagrado contra aqueles que desejam profaná-lo."

Antes que pudesse perguntar mais alguma coisa, sua mãe desapareceu tão repentinamente quanto apareceu, deixando-o sozinho sob a tempestade, rugindo com novos poderes pulsando em suas veias. "Você não pode nos derrotar," gritou o líder da Liga do Mal para Roberto durante aquela batalha que se iniciava. "Somos muitos e estamos por toda parte!" Disse desafiando.

Nesse momento crítico, quando tudo parecia prestes a explodir em um confronto apocalíptico, Roberto segurou firmemente seu crucifixo benzido pela mãe falecida e respondeu com convicção: "Não importa quantos sejam ou onde estejam escondidos. A luz sempre vencerá as trevas."

Concentrado, Roberto procurou captar o máximo possível de energia positiva que poderia naquele momento, armazenar no seu

crucifixo místico. Ajoelhou sobre o solo sagrado do Cemitério Municipal de Joinville, para em seguida concluir seu ritual de combate, gritando com todas as forças dos seus pulmões: "-Yeshua á á á á! ...Yeshua á á á á!".

E assim foi. Com cada membro da Liga do Mal sendo enfrentado e derrotado, as almas penadas começaram a recuar, percebendo que não tinham chances de ganhar aquela peleja naquela noite e, antes de ir, o moribundo líder do grupo, blasfemou contra Roberto.

"Perdi uma batalha, mas não perdi a guerra! Nós voltaremos! Voltaremos, pois aqui é nosso lugar". E ele soltou uma gargalhada, digna do personagem Drácula, interpretado pelo grande ator Vincent Price: "Há, há, há, há ...Há, há, há, há..."

Alguns membros da Liga do Mal conseguiram fugir apressadamente, enquanto uma boa parte foi sucumbida por essa luz milagrosa, deixando para trás apenas lembranças dolorosas prontamente curadas pelo poder curativo compartilhado entre todos os habitantes unidos, agora mais fortes do que nunca, sob a bandeira da esperança renovada graças à bravura incansável do Super Orbenk, o Protetor dos Cemitérios Assombrados, o herói verdadeiro, cuja lenda jamais seria esquecida nas terras abençoadas de Joinville e municípios próximos.

A madrugada de sábado trouxe consigo sinais clarividentes da vitória alcançada pelos guardiões de Joinville, sobre as forças obscuras reunidas pela Liga do Mal. A notícia da coragem de

Roberto e do misterioso poder do seu crucifixo espalhou-se rapidamente pela cidade. As pessoas começaram a chamá-lo de "O Protetor dos Cemitérios Assombrados", e logo essa alcunha evoluiu para "Super Orbenk", inspirando crianças a desenharem suas aventuras heroicas em seus cadernos escolares.

A cidade de Joinville nunca mais foi a mesma desde que Roberto, o zelador dos cemitérios municipais, assumiu a identidade de Super Orbenk. A transformação começou sutilmente, com desenhos infantis espalhados pelas salas de aula e corredores das escolas. Crianças, munidas de lápis coloridos, retratavam o herói em suas lutas épicas noturnas contra as forças obscuras que assolavam os cemitérios da cidade. Não demorou para que esses desenhos saltassem das páginas dos cadernos para as camisetas, criando um mosaico ambulante de apoio ao protetor dos mortos.

Enquanto isso, nas sombras, uma ameaça maior se formava. Os vândalos larápios que foram derrotados estavam unidos numa parceria sinistra, como uma corja de espíritos malignos aprisionados nos cemitérios. Eles, juntos, haviam formado a Liga do Mal e seu objetivo era claro: expulsar as pessoas de bem dos cemitérios e reinar sobre eles sem contestação. Roberto sabia que não poderia enfrentar essa ameaça sozinho e, por isso, ele convocou moradores da cidade com habilidades especiais para formar uma aliança contra a Liga do Mal. Entre eles estava Dona Pequena, uma senhora idosa com o dom da visão espiritual; Joãozinho, um garoto prodígio capaz de

entender as línguas dos antigos; e Lucas, um jovem atleta com força sobre-humana.

Juntos, eles planejaram como proteger os cemitérios das forças obscuras. Enquanto isso, as ruas de Joinville fervilhavam com apoio ao Super Orbenk. Camisetas estampadas com sua imagem eram vistas por toda parte, e palavras motivacionais ecoavam pelas ruas sempre que Roberto passava a caminho do trabalho. Mais uma vez, a tranquilidade foi interrompida por um grupo de crianças correndo em direção a Roberto, cada uma delas vestindo camisetas com o símbolo do Super Orbenk estampado.

"Super Orbenk! Super Super Super Orbenk!" gritavam as crianças correndo ao seu lado. "Você viu o Super Orbenk ontem à noite? Ele brilhou como um anjo!" exclamava uma criança para outra na praça central da cidade. "Super Orbenk! Você vai nos proteger da Liga do Mal hoje?" perguntou um menino com olhos brilhantes de admiração.

"Serei sempre seu protetor", respondeu Roberto, com um sorriso encorajador. "Mas lembrem-se: proteger nossos cemitérios é proteger nossa história e honrar aqueles que vieram antes de nós."

As palavras de Roberto ecoaram nas mentes das crianças enquanto elas corriam para suas casas. Ele sabia que estava lutando por algo maior do que ele mesmo; estava lutando pela memória coletiva da cidade. Mas, uma batalha contra a Liga do Mal iria ocorrer em breve. Provavelmente seria numa noite tempestuosa, cheia de relâmpagos que cortariam o céu, enquanto Roberto e seus

aliados do bem, corajosos e valentes, mediriam as suas forças com os desordeiros vivos e mortos num confronto épico nos limites sagrados dos cemitérios municipais. E assim, Roberto preveu o futuro.

Roberto, o zelador da Orbenk Serviços, não era mais visto apenas como um zelador ou mesmo como um herói local. Ele havia se tornado uma lenda viva entre os habitantes de Joinville, o Guardião Eterno dos Cemitérios Sagrados.

As crianças continuavam desenhando suas aventuras heróicas nos cadernos escolares, enquanto os adultos contavam histórias sobre suas bravatas noturnas aos mais jovens, durante encontros familiares. E assim, Roberto foi elevado ao patamar de lenda urbana, ficando conhecido como “Super Orbenk”, cuja história seria contada por gerações futuras como símbolo eterno da coragem humana frente às adversidades sobrenaturais e também dos vândalos que profanam os túmulos nos cemitérios, depredando-os ou furtando algum objeto de valor, para vender e comprar drogas ilícitas.

Apresentamos o poema:

O Lobo e o Homem

por

Márcio Aragão

Márcio Aragão é um escritor e jornalista sergipano, radicado em Fortaleza-CE. Participou, dentre outras, das antologias “Anno Domini – Manuscritos Medievais” (2008), “Solarium” (2009), “O Uivo do Lobo”(2023), “Contos e Poemas Assombrosos Vol. VII” (2023) e “Contos e Poemas de Ficção Científica” (2024), tendo também publicado os livros “O Último Imortal” (2005), “Guardiões do Universo” (2009) e “Guardiões do Universo: Gênese” (2023).

Lá estava eu perdido
Pensando cá comigo
“Poxa, isto não faz sentido!”
Ele era, pois, meu amigo.

Enclausulado estava eu
Imerso naquele breu
Exaurido de vã esperança
Que colossal matança!

Garras, dentes, sangue
Morte, fúria, transe
Metamorfose, instinto, incoerência
Que letal ser era aquele?
De tão bizarra aparência?

Era o Homem e o Lobo!
Ou seria o Lobo e o Homem?
Quem estava ali no comando?
Quem estava seus passos guiando?

O tempo esvaía-se, eu sabia
E em minha mente, somente agonia
Afinal, o que faria?

“Nada podes fazer”, alguém dizia.

Aturdido, busquei a procedência
Daquela elocução sem clemência
E com olhada aclimatada à treva
Fixei o autor da sentença

O matusalênico homem me fitava
E um sorriso anodonte exibia
Com uma expressão que de mim ria
Pois sabia o que de mim seria.

“Muitos aqui desbravaram”, revelou
“Porém qualquer sequer escapou”, sentenciou
E aqui meu peito explodia
Era minha últimação, eu sabia.

O desumano acercou-me, então
Arrebatando a minha jaula de supetão
E meus olhos cerrei
“Piedade!”, supliquei!

Frívolo fora meu clamor!
Pois ao som das gargalhadas dementes
De um idoso que tinha seu fim em mente

Meu amigo-lobo cravou-me os dentes!

O sopro vital de mim esvaiu
E minha consciência no Vazio caiu
Dimensões percorri
Onde tempo e espaço não mais senti.

Agora no *Quase Além* estou
Pois esta é a sina do *Morto pelo Lobo*
Através das Eras horrorizar os vivos eu devo
Pois a isto condenado sou.

Almas devo explorar
Desespero devo causar
Escravo do Charlatão me tornei
Pois a ele devo alimentar!

A ti relato minha epopéia inversa
Para que saibas que não sou alma perversa
Contudo teu desespero devo levar
E tua alma macular!

Logo a Luz a ti deixará
E teu pavor iniciará
Mas uma coisa a ti prometo

Esta dor perfará!

Acompanhe-me, ó condenado!

Alimente o *Enganador*!

Para que enfim possas sentir

Que tudo está sem Luz

Que tudo está acabado!

FIM?

Apresentamos o conto:

A Abelha-Rainha

(ATENÇÃO: o texto a seguir trata de temas sensíveis e inadequados para alguns públicos. Aconselhamos cautela.)

por

Márcio Aragão

Márcio Aragão é um escritor e jornalista sergipano, radicado em Fortaleza-CE. Participou, dentre outras, das antologias “Anno Domini – Manuscritos Medievais” (2008), “Solarium” (2009), “O Uivo do Lobo”(2023), “Contos e Poemas Assombrosos Vol. VII” (2023) e “Contos e Poemas de Ficção Científica” (2024), tendo também publicado os livros “O Último Imortal” (2005), “Guardiões do Universo” (2009) e “Guardiões do Universo: Gênese” (2023).

“Bruxa”, “Abelha-Rainha”, “Manipuladora”, “Feiticeira”, “Morgana”. Muitos eram os nomes pelos quais Dalila era conhecida, e ela sorria ao lembrar-se disso. “Abelha-Rainha e Bruxa”- pensou ela com um largo sorriso - “Nestes eles acertaram mais do que imaginam!”. E aqui ela gargalhou como toda bruxa que se preze faria.

O ano é 2059. Primeira década da segunda metade do século XXI e Dalila estava no comando, de tudo e de todos. Em todo o planeta. Chega de submissão. Chega de humilhação. Chega de sofrimento! Seu sorriso desapareceu quase que instantaneamente e seus olhos ficaram marejados pois as lembranças a perseguiam de forma implacável. Lembranças de eventos horríveis e traumáticos que aconteceram desde sempre em sua vida, até onde lembrava-se. Cresceu em um lar abusivo, com uma mãe violenta e um pai entregue ao alcoolismo. Perdeu as contas de quantas cicatrizes possuía espalhadas pelo seu corpo, consequência inevitável dos constantes abusos físicos. Sua própria mãe manipulava seu pai para que ele a estuprasse, após embriagá-lo diversas vezes. E a doentia mulher assistia e gravava a tudo, publicando os vídeos na *dark web*, onde qualquer um poderia assistir pagando a quantia de algumas centenas de reais. “Precisamos de dinheiro, querida”, falava a mãe, com um sorriso debochado, “Nós cuidamos de você e te damos um teto e comida. Nada mais justo que você retribua”, repetia a mulher de pouco mais de 30 anos, mas com aparência de ser pelo menos 10 anos mais velha. Dalila só tinha 11 anos àquela época e fora filmada

dezenas de vezes enquanto seu próprio pai a pegava à força e fazia todo tipo de absurdo sexual com a menina, situação que provocaria revolta e nojo ao olhar de qualquer pessoa minimamente humana. Mas não aos olhos daqueles dois... A humanidade já os havia abandonado há muitos anos e Dalila sabia disso muito bem. Eles não mereciam sequer serem chamados de animais, pois isso seria uma ofensa aos próprios animais!

A Bruxa, àquela época apenas Dalila, recusava-se a aceitar sua condenação eterna. Faria qualquer coisa para mudar seu destino! E então, aos 14 anos de idade, em uma madrugada chuvosa com trovões e relâmpagos constantes em uma Sexta-Feira 13 (sim, o perfeito cenário para as mais assustadoras histórias de terror, devo dizer. Um verdadeiro clichê.), ela ficou minutos em pé ao lado da cama de seus pais, observando-os enquanto dormiam calmamente, sua sanidade vacilando perigosamente rumo à loucura. A cortina da janela do quarto obscuro estava aberta e o característico som da chuva forte batendo no vidro inundava o ambiente. Um raio então cortou os céus e seu brilho fora refletido na lâmina que Dalila segurava em sua mão trêmula. “Preciso fazer isso” pensava ela e até em seu pensamento sua voz estava trêmula. E então ela fez: com um movimento rápido e preciso, degolou sua mãe, que abriu os olhos, horrorizada, o sangue jorrando pelo ferimento mortal. Não emitiu nenhum som além do característico ruído de desespero de uma pessoa que não consegue respirar. Em minutos, então, suas pupilas dilataram-se. Estava morta. E Dalila observou tudo encarando-a

friamente nos olhos, sentindo uma inesperada satisfação. Quase podia sorrir!

Olhou então para seu pai que, como sempre, alcoolizado, dormia tranquilamente. Caminhou calmamente até o outro lado da cama de casal e apunhalou-o várias vezes. 15 vezes para ser exato e o homem na faixa dos 50 anos até tentou reagir, mas quando se deu conta do que estava acontecendo seus ferimentos já haviam se tornado mortais, inevitavelmente enfraquecendo-o. Afogou-se no próprio sangue, pois Dalila fez questão de perfurar seus pulmões diversas vezes. E aqui a adolescente agora esboçava um sorriso enquanto via o olhar de desespero de seu pai, um olhar inútil de súplica por sua vida. Então Dalila degolou-o também. Tudo estava acabado e ela estava, finalmente, livre! Fugiu do lugar, limpando a lâmina assassina e enterrando-a bem longe de sua casa.

Os anos passaram-se e Dalila nunca fora encontrada. Assumiram, finalmente que ela também havia sido brutalmente assassinada naquele que a imprensa classificou como “crime brutalmente desumano”. Dalila sorria ao lembrar-se disso.

Aos 17 anos, Dalila iniciou a graduação em Biologia, formando-se e em seguida concluindo doutorado em Genética. Não demorou muito para ser levada aos Estados Unidos pela *USGenomics*, uma grande empresa farmacêutica de fachada, que na verdade desenvolvia projetos bélicos. “Abelha-Rainha” era o nome traduzido para o português do projeto para o qual fora designada. O projeto consistia em extrair da abelha-rainha o ferormônio que a

permitia dar ordens às operárias e fazer uma mutação de forma que este mesmo ferormônio permitisse que fossem controlados os Zangões, humanos geneticamente modificados criados em laboratórios para serem usados como super-soldados em guerras. Tal ferormônio modificado seria dado a um seletivo grupo de comandantes do exército americano para que estes coordenassem as tropas de Zangões nas incontáveis guerras travadas pelos Estados Unidos, em solo americano ou estrangeiro. Mas Dalila tinha outros planos.

Colaborou com a *USGenomics* até que milhares de Zangões estivessem funcionais e injetou o chamado Vírus Abelha-Rainha em si mesma, destruindo todas as outras amostras, assim como toda a sua pesquisa, de forma que ninguém conseguisse reproduzir o vírus futuramente. Estava feito. Em segredo havia colocado na composição do vírus duas formas deste ser transmitido: qualquer um que entrasse em contato com o sangue de um Zangão, ou que fosse mordido por um Zangão, sofreria mutação, tornando-se um novo Zangão.

Menos de 3 anos foram suficientes para que os milhares de Zangões originais fossem multiplicados para tornarem-se milhões espalhados por todo o mundo. Todos obedeciam cegamente às ordens da Abelha-Rainha, às ordens da Bruxa! Mas Dalila não queria destruir o mundo. Ela queria controlá-lo! Queria tornar toda a população mundial submissa a ela pelo simples prazer de impor a todos a mesma aflição e sensação de impotência que fora obrigada a

vivenciar durante boa parte de sua vida. Afinal não só seus pais eram os culpados, mas sim todos os que consumiram os vídeos obscenos dos quais era a inocente protagonista! Todos deveriam pagar! E, em sua lógica insana, se não tinha como determinar exatamente quais pessoas compraram e assistiram aos vídeos, iria atingir a todos do mundo, para garantir que os culpados fossem punidos! E faria isso enquanto estivesse viva. Incansável, implacável, imutável.

Os Zangões originais haviam recebido implantes auriculares para que pudessem ouvir as ordens da Abelha-Rainha em qualquer parte do mundo. E obedeciam sem questionar, qualquer que fosse a ordem, pois uma vez que haviam entrado em contato com o feromônio secretado por Dalila e ouvido o som de sua voz, automaticamente e eternamente a reconheciam como sua soberana. E nada poderia ser feito para mudar isso, a Bruxa sabia. Já os Zangões gerados por infecção do Vírus Abelha-Rainha estavam sempre na hierarquia inferior da “colméia”, obedecendo aos Zangões que surgiram antes e estes, direta ou indiretamente, sempre obedeceriam à Abelha-Rainha. Sim, Dalila garantiu que o cérebro dos Zangões funcionasse desta forma.

Eram criaturas horrendas, os Zangões. Humanos deformados, com diversas chagas espalhadas pelo corpo, consequência da infecção do vírus invasor. Possuíam dentes pontiagudos e, dependendo do nível de infecção, alguns desenvolviam garras carregadas de veneno, assim como ferrões de abelhas, coma diferença que não morriam ao injetar seu veneno

paralizante em suas vítimas, ao contrário das abelhas verdadeiras, que morriam após utilizarem seu ferrão. Eram velozes e dotados de força sobre-humana. Os que não conheciam seu nome verdadeiro os chamavam de Demônios. E poderiam facilmente ser classificados desta forma.

A Bruxa ria ao perceber que nenhum exército era capaz de destruir a totalidade de seus Zangões e ela sempre garantia que novos Demônios fossem enviados pelo mundo, pois seu próprio corpo era uma fonte inesgotável do Vírus Abelha-Rainha. E estes, os chamados Zangões Alfa, eram sempre dotados de implantes auriculares para que recebessem ordens diretas da Abelha-Rainha, mantendo a cadeia de comando dos Zangões sempre intacta.

Não demorou muito para que todos os governos do planeta simplesmente parassem de resistir aos domínios da Bruxa. Menos de 10 anos, na verdade. As perdas de soldados e civis eram constantes e em larga escala, seja por serem mortos ou por serem convertidos em novos Zangões, fazendo com que a Legião de Demônios da Bruxa crescesse de forma pavorosa. Diplomatas de todo o mundo então foram enviados ao antigo laboratório da *USGenomics*, local que Dalila tomara como seu novo lar, sua fortaleza. Sua “Casa de Doces”, como divertia-se em chamar. Ali oficializaram o Protocolo de Menor Prejuízo Possível, que referia-se aos termos de submissão de todos os países à Bruxa. Não ousavam matá-la, pois receavam que todos os bilhões de Zangões, sem uma cadeia de comando sólida, causassem a extinção da espécie humana. Dalila pelo menos os

controlava, ainda que seguindo apenas a sua vontade sádica e insana. Ali, naquele momento, ficara firmado acordo que a Bruxa poderia agir de acordo com sua vontade, poderia sacrificar as vidas que julgasse necessário, independente da razão, desde que isto não fosse feito de maneira desenfreada e não colocasse em risco a existência da espécie humana. Desta forma, não mais ofereceriam resistência aos designios da Abelha-Rainha. Dalila ponderou e, com um sorriso demente, concordou, deixando claro que os diplomatas só sairiam dali vivos porque ela precisava que transmitissem a informação do acordo firmado para todo o mundo. Era um acordo que visava não mais proteger a todos, mas sim garantir a perpetuação da espécie humana. Era o melhor que poderia ser feito àquela altura, os diplomatas sabiam.

Décadas se passaram e o envelhecimento de Dalila fora retardado pelo vírus. Agora com 87 anos de idade, não aparentava ter mais que 40 ou 50 anos. Grupos de pessoas eram oferecidos como sacrifício à fúria assassina de seus Zangões, e a Bruxa divertia-se com isso. Lembrava-se, satisfeita, dos filmes de fantasia medieval onde sacrifícios humanos eram oferecidos para acalmar a fúria de uma bruxa ou dragão. Era algo equivalente a isso que estava acontecendo, ela concluiu, satisfeita. Havia se tornado, de fato, uma bruxa, uma criatura maligna que estendia suas garras de trevas e causava terror aos mais bravos seres. Sorriu satisfeita, mas sabia que sua cartada final ainda seria dada. O movimento derradeiro naquela longa partida de xadrez ainda estava por vir, pois ela sabia que,

embora tivesse a vida prolongada significativamente, em algum momento o sopro vital a abandonaria e ela ganharia uma passagem direto para o inferno. E quando isso acontecesse, ela sabia, os seus bilhões de Zangões espalhados pelo mundo entrariam em um frenezi violento, destruindo a tudo e a todos que tivessem o azar de cruzar o seu caminho. No fim das contas, aquele ridículo Protocolo de Menor Prejuízo Possível só serviu para prolongar sua divertida vingança e adiar a inevitável e planejada conclusão daquele plano sangrento: a extinção de todos os humanos do planeta, afinal, seres nojentos, arrogantes, cruéis e sem escrúpulos não mereciam nada menos que encarar desespero e destruição. Dalila sorriu mais uma vez. Desfrutaria da conquista de seu domínio até a sua partida deste mundo, sabendo que quando este momento chegasse, seria a conclusão épica de um plano sangrento arquitetado por ela durante anos. Afinal, se não estivesse mais viva para desfrutá-la, não havia sentido em manter a todos do mundo vivos para prolongar sua vingança! Mal podia conter sua empolgação. E aqui, mais uma vez, gargalhou como qualquer bruxa que se preze faria. Tudo estava caminhando para sua cartada final e exatamente de acordo com seus planos. Tudo estava dando certo para ela. Tudo estava bem!

Apresentamos o poema:

A Bruxa e o Demônio

por

Márcio Aragão

Márcio Aragão é um escritor e jornalista sergipano, radicado em Fortaleza-CE. Participou, dentre outras, das antologias “Anno Domini – Manuscritos Medievais” (2008), “Solarium” (2009), “O Uivo do Lobo”(2023), “Contos e Poemas Assombrosos Vol. VII” (2023) e “Contos e Poemas de Ficção Científica” (2024), tendo também publicado os livros “O Último Imortal” (2005), “Guardiões do Universo” (2009) e “Guardiões do Universo: Gênese” (2023).

Diversos nomes eu tenho
Pois não menos que isso desejo
E para isso esbanjo empenho
E recebo-os como gracejo

És um Demônio
Vives no *Quase Além*
Foste *morto pelo Lobo*
E sei o que buscas em alguém

Minha Alma, porém
Não vais levar
Pois não sou qualquer alguém
Sou quem deves clamar!

Não entregar-me-ei ao *Enganador*
Pois jamais a ele vou alimentar
Venha, demônio! Mostre-me o que é medo!
Mas, aviso, a ti irei amedontrar!

E com um sarriso contido
Disse o demônio: “Em sua fala não há sentido”
“Pois nada mais és que uma deturpação da ciência”
“Já eu, supero qualquer crença em existência”

E aqui o *Morto pelo Lobo* riu
Estendendo as suas sombras até aquele ser vil
“Venha, *Estrige*, venha, *bruxa!*”
“É a auto-proclamada *Abelha-Rainha!*”
“Que esperas conseguir?”
“Que esperas sentir?”

E aqui a bruxa fitou com malícia
Estudando do demônio a perícia
Era de fato intrigante
Aquele malévolo pensante

Meus *Zangões* são meus demônios
Meus servos não pensantes
E se a mim destruíres
O mundo cairá muito antes

E aqui o *Morto pelo Lobo* sorriu
E gargalhou de forma vil
“Achas que a isto dou importância?”

“Supões que a isto dou relevância?”

“Tua fraqueza é a arrogância!”

E na satisfação do *Enganador* focando

O Demônio iniciou seu “causa-pranto”

E aqui Dalila urrou

Vendo suas forças a ela deixando

Sentindo o desespero a ela sufocando

Desespero incomum

Pranto sem igual

Dor lancinante

Quem era, afinal, aquele ser pensante?

Tarde demais

Sua a alma a ela não mais pertencia

Tudo estava em treva

Tudo estava em agonia

E aqui o demônio sorriu
Bruxa, pagaste por todo o mal que causaste
Mas a ti devo agradecer
Pois muito alimento geraste

Agora o mundo sucumbirá
E a humanidade perecerá
Em um bem-vindo apocalipse
Que o *Enganador* aprovará

Seus *Zangões* em meu trabalho ajudarão
Pois a mim obedecerão
E tua alma ao *Enganador* pertecerá
E a ele alimentará

Ó Abelha-Rainha, a ti sou grato
Ajudaste-me, de fato!
Mas aqui me despeço
Adeus, ser vil!

Encontrar-te-ei no Vazio

Lugar de eterno desprezo

Espaço de contínuo medo

Lugar onde agora pertences

E de onde nunca mais escaparás!

Pois lá da eternidade desfrutarás!

Eternidade de sofrimento

Sem qualquer acalento

Eternidade sem Luz!

Onde só ao sofrimento se conduz!

FIM?

Este *eBook* é uma produção da editora Criativante. Para saber mais a respeito do nosso trabalho, por gentileza acesse o nosso site www.criativante.com.br, ou o nosso instagram: @criativanteeditora

Quer entrar em contato conosco para enviar seu conto, poema, livro, ou mesmo para obter maiores informações? Nosso e-mail é contatocriativante@gmail.com . Espero que tenha apreciado a leitura deste livro! Até a próxima!

Atenciosamente,

Márcio Aragão
Editor-Chefe
Criativante